

6-2002

## A África Com A Força do Espírito

Pierre Schouver

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Schouver, P. (2002). A África Com A Força do Espírito. *Missão Espiritana*, 1 (1). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol1/iss1/13>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## *biblioteca espiritana* *- documentos*

*Nesta secção da revista pretendemos dar destaque a todos os documentos, antigos e actuais, sob a forma de livro ou outro, que constituem um enriquecimento daquilo a que chamamos Biblioteca Espiritana e nos parece importante apresentar como subsídios significativos para a historiografia da missão espiritana. Neste número apresentamos dois: A mensagem do Superior Geral da Congregação do Espírito Santo para o Pentecostes deste ano e um trabalho do insigne historiador espiritano António Brásio (1906-1985), de saudosa memória, sobre A Regra Provisória da Obra dos Negros.*

### Documento 1

Mensagem do Superior Geral para o Pentecostes 2002

### A ÁFRICA COM A FORÇA DO ESPÍRITO

*Creio no Espírito Santo que é Senhor e dá a vida* (Credo de Niceia-Constantinopola)

Libermann convida-nos a ser como leve pena levada pelo sopro do Espírito. Ainda é necessário que o vento sopra. De onde nos vem, hoje, a inspiração? O Ano Espiritano é um acto de fé, radicado na experiência de que relendo o nosso passado muitas vezes somos tocados, encorajados e revigorados. O Espírito sopra quando fazemos memória dos nossos fundadores e das testemunhas da nossa his-

tória. Nesta vigília do Pentecostes, dirigimos a nossa atenção para o nosso passado e o nosso presente em África, o continente onde, na verdade, investimos o máximo no decurso da nossa história.

### Compromisso na vida e na morte

A África já não é somente um lugar onde os Espiritanos vão em missão. Este continente entrou na nossa Congregação com cerca de 1000 membros africanos. Sobretudo a partir de Libermann, a missão em África imprimiu a sua marca na nossa família religiosa. O *Livro dos Aniversários Espiritanos* que vai aparecer em breve, bem como outras publicações históricas dão disso testemunho. Um espiritalo brasileiro dizia-nos no CGA de Dacar que os espiritalos que tinha encontrado carregavam em si mesmos as suas experiências de África das quais falavam sem cessar.

Há uma história de amor entre a Congregação e a África. Libermann comprometeu-se numa aventura impossível apesar da sua pobreza extrema. Não tinha nem saúde, nem dinheiro, nem pessoal e de início nem era considerado. Mas, mesmo sem pôr os pés em solo africano, deixou-se apaixonar pelos povos de côr, animado por uma visão de fé: *O meu coração é dos Africanos, todo dos Africanos... Quero que toda a minha vida seja ocupada a fazer a felicidade dos homens da África, não somente a sua felicidade sobre a terra, mas sobre tudo no céu.* (Carta a Eliman, rei de Dacar, em 1848, ND X, 24). Convidava ao respeito pela sua cultura e a uma atitude humilde: *Fazei-vos para eles como servidores que devem servir os seus senhores*, escreve aos seus missionários em 1847.

Sabemos pela nossa experiência missionária que “colocarmo-nos sob a influência do Espírito” não significa ficar suspenso nos ares. Os túmulos dos jovens missionários são disso testemunho. No decurso de uma visita ao velho cemitério da Huíla, em Angola, um dos catequistas do Centro de Formação tomou a Bíblia para nos ler a passagem de Marcos: *Ninguém terá deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa ou por causa do Evangelho, sem que receba o cêntuplo já neste tempo... e, no mundo que vem, a vida eterna.* (Mc.10,29-30).

No primeiro dia do *Livro dos Aniversários* é evocado o massacre de Kongolo. Outros confrades perderam a vida em Angola e na Serra Leoa. A nossa história recente em África foi marcada pelas guerras da independência e por guerras civis. A nova tomada de responsabilidade pelos Africanos do seu próprio destino na sociedade e na Igreja foi também para muitos confrades um desafio por vezes doloroso, mas finalmente purificador. A partida forçada ou julgada oportuna de grupos numerosos de Espiritanos, representou um grande sofrimento. Muitos partiram novamente para outros horizontes, na América Latina e América do Norte, Austrália, Papuásia e para outros países africanos. A provação africana tornou-se fonte de bênção noutras paragens.

Se o grão de trigo...morre, dará fruto em abundância (Jo 12,24).

Do mistério da morte e ressurreição assim vivido nasceram as Igrejas locais em África. E nós fomos abençoados pelas vocações que rejuvenescem o nosso

Instituto. A nossa missão em África é cada vez mais conduzida pelos nossos confrades africanos, nas 5 Províncias africanas e nas Fundações. Os confrades europeus estão a diminuir rapidamente. Por vezes, não ficam mais que um ou dois, como testemunhas. A sua presença é importante pela sua experiência e pela ligação com um outro continente. Ao mesmo tempo, os confrades africanos estão a tomar parte em novas iniciativas espiritanas em todos os continentes. Alguns trabalham nas antigas Províncias da Europa e da América do Norte, onde são, também eles, testemunhas de uma vitalidade nova vinda de África. Um movimento semelhante está a iniciar-se noutras fronteiras da nossa missão, na América Latina e nas Caraíbas. Nesta história complexa marcada pela África, aparecem-nos os traços do Espírito que não sabemos nem de onde vem nem para onde vai (Jo. 3,8).

A nossa Congregação mudou muito no decurso dos últimos decénios com uma nova organização, um novo recrutamento, novos campos de apostolado em todos os continentes. Mas o nosso compromisso maior é sempre em África.

O Senhor Espírito Santo.

O mais importante é que, onde quer que estejamos, não caiamos na superficialidade, na facilidade, na aparência, mas que vivamos como os nossos predecessores, na força do Espírito. Muitos Espiritanos não saíram indemnes das convulsões em África. Mas se curvaram a espinha debaixo da tempestade, depois ergueram-se de novo. Os seus recursos não estavam tanto na força física, nas múltiplas capacidades, na astúcia, no temperamento. Por detrás de tudo isso, havia a vida segundo o Espírito, aprendida pouco a pouco na escola de Libermann, alimentada pela oração, pela vida comunitária e pelo próprio serviço e a defesa dos pobres. Neles agia a força tranquila do Espírito. Ele prepara-nos para o dom total de nós mesmos pelo Reino (RVE 10).

Corremos o risco de ser desviados pela cultura ambiente para uma simples auto-realização, um simples desenvolvimento e investimento das nossas próprias energias. Quando falamos do espírito tratar-se-á do nosso? O da tradição cristã tem uma maiúscula. Nos Açores, uma devoção muito popular celebra o Senhor Espírito Santo. A força espiritual autêntica é aquela que vem do Espírito. Dele nos vem uma certeza e uma autoridade como dom de irradiação gratuita de testemunhas, sem comparação possível com aquilo que podemos extrair de nós mesmos.

Creio no Espírito Santo que é Senhor. Ele suscita em nós a confiança que colocou em Jesus e que lhe fez dizer Abba, Pai, no Getsémani (cf. Gal 4,6). Ele põe igualmente em nós a confiança nos outros e faz-nos reconhecê-los como irmãos e irmãs. É o Espírito filial, que procede do Filho. Da confiança nasce a força do serviço activo e a liberdade interior para amar gratuitamente, perdoar e empreender. O Espírito é criador, ele procede do Pai. A Virgem nos inspire a fé do seu Coração Imaculado, disponível ao imprevisto e ao dom total.

Que a festa do Pentecostes nos coloque a todos sob o sopro do Espírito, que é Senhor e que dá a verdadeira vida.

Fraternalmente,

Pierre Schouver, CSSp.